

A consciência aberrante

Prefácio à *Psicopatologia Lacaniana II* (Nosologia)

[Capa e índice da publicação](#)

Marcus André Vieira

Este livro trata do sofrimento humano. Busca apreendê-lo em suas sutilezas, complexidades e estranhezas, mesmo as mais terríveis. Nos textos que seguem, seus autores impõem-se o desafio de lidar com o adoecer sem deixar de lidar igualmente com a experiência subjetiva deste adoecimento. Recusam-se, portanto, a reduzir o viver da dor humano a modelos que excluam seu sujeito. Não deixam em nenhum momento de incluir na descrição dos fenômenos patológicos que apresentam, no modo de ordená-los e de compreendê-los, a maneira como a dor atinge quem sofre.

É premissa vital num tempo como o nosso, em que a tônica é abordar o homem a partir de analogias seja com animais de laboratório seja, sobretudo, com modelos computacionais. A experiência humana comporta bem mais do que vive uma cobaia quando escolhe dobrar à esquerda ou à direita em um labirinto, quando um neurotransmissor desencadeia um reflexo de fuga ou luta ou quando uma imagem cerebral desenha uma área mais carregada de impulsos elétricos que outra.

Evidentemente, esses modelos são fundamentais e sua complexidade pode ir ao infinito, mas costumam topar com dois obstáculos intransponíveis. O primeiro é a extrema variabilidade dos fenômenos subjetivos, não apenas em escala transindividual, como para um mesmo sujeito. Coordená-los, pensá-los em um conjunto mais ou menos integrado de signos patológicos ou não, propor para eles ações terapêuticas, implica sempre em uma perda, a mesma sentida porque quem busca um tratamento para sua tristeza e encontra o cuidado para a tristeza de um enfermo padecendo de uma depressão abstrata e universal. O segundo é que, a própria instância encarregada de realizar a integração dessas funções em um nível individual escapa à sua apreensão, a consciência. Onde situá-la? Como pensá-la? A integração de informações que faz o essencial da consciência é sempre hipotética, nem localizável, nem funcional. Em outros termos: como situar a consciência que administra as singularidades que compõem a vida subjetiva quando ele mesma constitui uma singularidade que escapa à sua observação. Apesar de estarmos às voltas com o paradoxo de Bertrand Russel sobre o catálogo de todos os catálogos que, no entanto, não tem como incluir em seu catálogo ele mesmo, não se trata de tema abstrato. Toda questão é como será reintroduzido o que se perdeu, o que fará aquele que se aproxima de alguém em sofrimento munido destes modelos.

Este livro tem a ambição de aceitar esses dois desafios: percorrer os modelos de doenças referidos à uma normalidade suposta sem perder de vista a experiência singular do sofrimento e do tratamento. Tanto aceita tomar por base o modo como o sujeito racional, consciente entende e aborda a doenças que lhe acometem quanto o que esse sujeito não pode assumir do humano a não ser como patologia. Por um lado, acompanharemos a contribuição da psiquiatria clássica, fundada na razão e, por outro a psicanálise que observa a consciência a partir da experiência do inconsciente, sempre estranha e incongruente com a primeira.

Neste sentido, no contrapé das pesquisas de laboratório, parte-se para começar, de um modo de olhar específico, o mesmo descrito por Michel Foucault em *O nascimento da clínica*. Somos levados a um ponto relativamente distante no tempo, quando a própria ideia de um sujeito da razão estava em estado nascente. De fato, *Nosologia* é um termo relativamente em desuso, referido à ideia de entidades clínicas articulando uma síndrome a um agente etiológico específico, como a pneumonia, por exemplo. Sempre andou de par com *Semiologia*, a leitura de sinais e sintomas que compõem as síndromes nosológicas de base e que também tende a ser substituída por imagens de laboratório e outros procedimentos técnicos de medida. É que a clínica que nasce do método cartesiano, apanágio da razão ordenadora do mundo, encontra seu apogeu um minuto antes da revolução que a descoberta de substâncias de ação efetiva nos sintomas psicóticos trouxe ao campo da clínica. Essa revolução trouxe ganhos indiscutíveis e fundamentais mas também o efeito colateral de uma tendência a reduzir a importância de detalhes e de sutilezas da vivência dos pacientes, pois o “aqui” e o “agora” da relação interpessoal deixou de ser tudo o de que dispõe o profissional – exatamente o que ainda hoje interessa de maneira privilegiada ao clínico, ao psicólogo, ao psiquiatra ou psicanalista, todos os que se interessarem pela *relação* tanto quanto a *resolução*. Aqueles que buscam uma resolução que não ignore a experiência subjetiva.

A maneira como nossa cultura lida com a estranheza dos desvios da norma sofreu grande transformação no período do Renascimento dando luz à nossa concepção cotidiana de loucura. É a partir de uma importante mudança de paradigma que o pensamento louco é separado de forma estanque do pensamento racional. O ditado “de médico e louco todo mundo tem um pouco” mostra como tanto um quanto outro ainda são considerados categorias opostas, o avesso uma da outra.

Imagine o leitor que somos os alienistas do século dezessete, quando este modo de olhar ganha força. Um alienista a essa época tinha moradia dentro das paredes do manicômio. Estamos, assim, mergulhados na experiência, feita de som e fúria, dos desatinos de uma humanidade muitas vezes errática e excessiva. Estranhos, errantes, aberrantes sujeitos que perturbavam demasiadamente a aurora das cidades iluministas. Alguns ali viviam com estes sujeitos sofridos e assumiram que tudo o que é real é racional, que a desrazão, portanto, só podia ser doença, desvio da norma. Este alienista, começa a descrever a experiência do sofrimento a partir deste modo de olhar. Nasce a ideia do doente e não do possuído ou amaldiçoado e logo adiante, com La Metrie, a identificação entre a experiência subjetiva e o funcionamento de uma máquina. Esse homem é o ideal dos alienistas que constroem, o edifício da psicopatologia à sua medida.

Descartes é o nome próprio de um momento na história da humanidade em que esta distinção se engendrou. Simboliza e cria, simultaneamente, o lugar de uma razão despojada dos atributos do mal e que virá sustentar a visão mecanicista da doença. Os loucos são excluídos da razão, assim como o Gênio maligno que perturbaria minha visão do mundo. A partir daí, nas *Meditações Metafísicas*, razão e desrazão se separam e se obtém a certeza de que o pensamento claro e distinto é um espelho do mundo.

Este livro é a retomada daquela nosologia que nasceu na riqueza iluminista dos detalhes do olhar alienista. Acrescenta-lhe, porém, uma torção decisiva, a hipótese do inconsciente, do estranho, do monstruoso inerente ao homem. Assume que desrazão também segue sua lógica. Assim como as doenças têm suas leis, o que não significa que o estranho se tornará conhecido, apenas poderá entrar no rol do que se descreve e se trata. Ganha-se em humanidade, mas também em inteligibilidade, uma vez que toda uma série de fenômenos ficam, em sua singularidade, fora da capacidade heurística do universal descritivo que visa aprendê-los. Deste ponto de vista, pode-se, no avesso do olhar da clínica iluminista, aquilatar como a consciência é enganosa e a normalidade muitas vezes aberrante.

A clínica psiquiátrica foi reinventada por Lacan, seu herdeiro direto, dessa forma, a partir da inserção, nela de Freud. Levada para a psicanálise ela hoje talvez seja ainda seu bastião. O exemplo maior é o modo como apreende-se a loucura deste ponto de vista. A psiquiatria de hoje tende a associar as vivências delirantes ao diagnóstico de *esquizofrenia*. Lacan, prefere abordar a experiência da desrazão a partir do termo *psicose*. Não qualquer loucura, mas aquela que se delimita como *psicose*. O termo, vigente na psiquiatria no tempo de Lacan, guarda a força de uma prática anterior à revolução dos medicamentos e da tendência atual a assumir como esquizofrenia a diversidade das múltiplas formas do enlouquecer. Até então, só se dispunha de detalhes e sutilezas para fazer diferença, tudo o que continua essencial para o psicanalista. Destaca-se, nessa clínica, a fala. Imagens cerebrais e vias de transmissão neuronal serão secundárias aos caminhos subjetivos do dizer. É dessa forma que Lacan aborda a psicose, a partir do modo como os meandros de nossas narrativas nos estruturam, para examinar os cursos pelos quais nossa urgência em viver vem a desaguar em um cotidiano mais ou menos regrado e coletivo.

Nas páginas que seguem, a psicanálise lacaniana, se expõe didaticamente no melhor sentido do termo – com simplicidade e precisão, de forma direta e ordenada e com os ganhos de saber provenientes da aplicação da psicanálise ao estudo da doença mental. Não se trata de compreensão, coisa que Lacan sempre repudiou. Prima irmã da empatia, cada vez mais em cartaz hoje quando os direitos humanos e o universal da fraternidade anda tão decaído, ela já era recusada desde Jaspers, mas sim de delimitação.

Antonio Teixeira, a quem devemos, juntamente com Heloisa Caldas, o primeiro volume de *Psicopatologia Lacaniana*, dedicado à semiologia, associa-se agora à Márcia Rosa para compilar o modo como a psiquiatria descreve no detalhe diferentes categorias que cria para compilar as variantes do sofrimento humano e o modo como a psicanálise permite situar este sofrimento dentro de uma leitura que inclua o sujeito. Organizam, assim esse volume tão rico quanto cuidadoso graças ao concurso de toda uma comunidade de experiência, de uma mesma orientação lacaniana que bebe do trabalho de J. A. Miller de circunscrever a arquitetura do pensamento ensino de Lacan.

Este livro se endereça assim, juntamente com seu par inseparável o de semiologia da *Psicopatologia lacaniana* a estudantes que queiram saber mais que decorar. Não será nunca um manual, mas um guia nas paragens da desrazão quando ela aparta um sujeito do coletivo a ponto de fazê-lo perder-se de si mesmo. Que possa ser lido pelos estudantes é meu voto, mas igualmente pelos psicanalistas afim de renovar sua prática, mas igualmente pelos psiquiatras e neurologistas de nosso tempo, enfim, por todos os praticantes que queiram intervir em uma relação de fala mais do que em um corpo objetivado, que amem o saber mas que respeitem o impreciso e o insabido, que possam ao mesmo tempo tratar o indivíduo em seu eu e dar lugar ao sujeito da desrazão que nos habita em plena razão.

Antônio Teixeira • Márcia Rosa (Orgs.)

PSICOPATOLOGIA LACANIANA

Volume 2 Nosologia



autêntica

Copyright © 2020 Antônio Teixeira e Márcia Rosa

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora Ltda. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORES RESPONSÁVEIS

Regiane Dias
Cecília Martins

REVISÃO

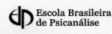
Aline Sobreira
Cecília Martins

CAPA

Alberto Bittencourt (sobre imagem
de Oina Moroz/Shutterstock)

DIAGRAMAÇÃO

Larissa Cavalho Mazzoni



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Psicopatologia lacaniana : volume 2 : nosologia / Antônio Teixeira,
Márcia Rosa (Orgs.) – 1. ed. – Belo Horizonte : Autêntica, 2020.

Parceria: Escola Brasileira de Psicanálise; LABTRANS/UMG
Vários autores.

Bibliografia.
ISBN 978-85-513-0806-6

1. Lacan, Jacques, 1901-1981. 2. Psicanálise. 3. Psicopatologia
4. Nosologia I. Teixeira, Antônio. II. Rosa, Márcia.
20-32658 CDD-150.195

Índices para catálogo sistemático:

1. Lacan, Jacques : Teoria psicanalítica 150.195
Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

GRUPO AUTÊNTICA

Belo Horizonte

Rua Carlos Turner, 420

Silveira - 31140-520

Belo Horizonte - MG

Tel.: (55 31) 3465 4500

www.grupoautentica.com.br

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I

23ª andar - Conj. 2310-2312

Cerqueira César - 01311-940

São Paulo - SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

Sumário

7 | Nota inicial

Sérgio de Castro

9 | Prefácio: A consciência aberrante

Marcus André Vieira

13 | O futuro de uma classificação

Antônio Teixeira e Gilson Iannini

23 | Da psicopatologia de Jaspers à biologia lacaniana

Adriano Aguiar

45 | O caso paradigmático e a nosologia estrutural

Saulo Carvalho

73 | Histeria: psicopatologias e despatologizações

Márcia Rosa

109 | Neurose obsessiva

Sérgio de Campos

119 | A fobia como manifestação da angústia

Carla Almeida Capanema

139 | A demissão do Outro na esquizofrenia

Elisa Alvarenga

149 | A paranoia como patologia do Outro

Andréia Maris Campos Guerra

171 | A parafrenia, uma doença da mentalidade

Nieves Sorici